

Crianças e Infâncias: Universos a Desvendar¹

Elaine de Paula²

A criança que ri na rua

A criança que ri na rua,
A música que vem no acaso,
A tela absurda, a estátua nua,
A bondade que não tem prazo.

Tudo isso excede este rigor
Que o raciocínio dá a tudo
E tem qualquer coisa de amor,
Ainda que o amor seja mudo.

Fernando Pessoa

As reflexões tecidas ao longo deste texto constituem uma tentativa de compreender os universos infantis, partindo da premissa de que as crianças são sujeitos atuantes e, por isso, críticas e (co)construtoras de seus “mundos”. Embora não estejam à parte do mundo dos adultos, ou alheias aos artefatos culturais disponibilizados pela sociedade, as crianças, “à sua moda”³, ressignificam a realidade para melhor entendê-la, ou como diria Walter Benjamin, constroem *um pequeno mundo inserido no grande*⁴.

As crianças utilizam maneiras de pensar, de falar, de agir, de sonhar, de imaginar, de interagir, de criar, enfim, de expressar-se, que as diferenciam da lógica do mundo dos adultos. A forma diferente de interpretar e atribuir sentido à realidade circundante, e assim, agir no mundo, talvez possibilite a criança a criação de outros universos que, eventualmente, podem subverter a estrutura e a organização prévia do contexto a que estão inseridas.

Quem sabe seja nesse âmbito criativo que estamos tentando chegar para melhor entender as crianças. Então... Que tal embarcar nessa aventura?

Aquecendo as turbinas...Gravitando rapidamente em torno da história da infância

¹ Trabalho apresentado como requisito para obtenção de conceito na disciplina Educação e Infância do Programa de Mestrado em Educação da UFSC . Professora da disciplina: Eloísa Acires Candal Rocha

² Aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação . I semestre de 2005

³ Expressão utilizada por Oliveira em sua dissertação de mestrado. UFSC, 2001

⁴ Benjamin, Walter. Reflexões Sobre A Criança, O Brinquedo E A Educação. São Paulo: Duas Cidades, 2002

Para início de conversa, ou de viagem, observo que as reflexões aqui levantadas são resultantes das leituras e das discussões realizadas ao longo da disciplina, Educação e Infância, do Programa de Mestrado em Educação da UFSC, assim como resultante das indagações que venho realizando para elaboração do meu projeto de pesquisa o qual dissertará sobre as criações infantis nos momentos de “transgressão”.

Iniciemos então por um breve histórico da infância.

A idéia sobre a infância não foi sempre a mesma nos diversos momentos e contextos históricos. A concepção de infância sofreu transformações, e as práticas que passaram a focalizar as especificidades que as distinguiram dos adultos são recentes. Segundo ARIÈS (1979,p.14) *“A aparição da criança como categoria social se dá lentamente entre os séculos XIII e XVII”*. Ainda consoante o autor, antes dessa época a criança não era representada significativamente na família, estava tão somente ligada à vida do grupo como qualquer outro personagem desse contexto.

Da mesma forma Sarmiento levanta a seguinte afirmação:

“A idéia de infância é uma idéia moderna (...) remetidas para o limbo das existências meramente potenciais, durante grande parte da Idade Média, as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial. (...) daí que, paradoxalmente, apesar de ter havido sempre crianças, seres biológicos de geração jovem, nem sempre houve infância, categoria social de estatuto próprio” (2002, p. 10 e 11).

Isso leva a considerar que a infância da criança (que é vista não só como um dado etário, como também um ser com representações sociais heterogêneas e convivências lúdicas) inexistia ou ficava adstrita a escassos momentos.

Mais recentemente, com o estabelecimento de uma nova ordem política, social e econômica, impulsionado por diversos fatores, dentre os quais o capitalismo industrial, o neoliberalismo e suas conseqüências (migrações, surgimento da família nuclear e burguesa, adstrição da criança à família e idéia de escola), ocorreram transformações que influenciaram a organização da estrutura familiar e, conseqüentemente, a vida das crianças. Assim, segundo Delgado: “*Controlar a família, dividir os cômodos da casa, registrar o mobiliário e as primeiras fotografias, distinguir as crianças dos adultos e confiar sua educação às mães e mestres, eram medidas para modificar as mentalidades e produzir novas identidades*”.(2003, p. 3)

Essa nova organização fez com que surgisse, além de um novo sentimento pela infância, a criação de instituições públicas destinadas às crianças. Logo, para a nova sociedade que despontava -a sociedade moderna- a criança precisaria ser escolarizada e preparada para atuação futura. Nesse contexto, dois sentimentos acerca da infância emergiram, o de *paparricação*, que considerava a criança “bibelô” e inocente, e o de *moralização*, a partir do qual a criança precisava ser disciplinada e enquadrada para essa nova ordem social⁵.

Ao longo desse processo histórico de reconhecimento das crianças, diferentes representações, concepções e formas de educa-las (especialmente nos espaços coletivos de educação destinadas a elas) foram sendo construídas. CHARLOT (1986), enfatiza alguns paradoxos desses paradigmas. Se por um lado, a criança era considerada incompleta, imperfeita cabendo à educação discipliná-la, por outro lado, a criança possuía uma natureza boa que precisava ser preservada e deixada fluir espontaneamente. Em ambas as concepções a criança era considerada um dado natural e universal, de onde se pode concluir que as maneiras de pensar e de entender a criança estavam resumidas nos ditames de uma única ciência: a psicologia, abstraindo a criança de seu caráter histórico ou do contexto social em que estavam inseridas.

Levantando vôo... Rumo aos universos infantis

⁵ Philppe Ariès, 1979

As tentativas de conhecer os universos infantis foram aos poucos desofuscando os olhares adultos, como percebemos em ALMEIDA:

A desconstrução do paradigma tradicional da infância, a partir da afirmação de um pequeno conjunto de princípios teóricos, tem mobilizado os cientistas na linha de frente da investigação. Um deles é a recusa da identificação da infância como um dado universal, de uma categoria natural, descritos em traços essenciais desenraizados do contexto social em que a criança se localiza.

(2000, p.26)

Assim, dentro dessa nova construção, foram sendo soterradas concepções de criança como ‘vir a ser’, ‘tábua rasa’, ‘adulto em miniatura’, cedendo lugar para a *“afirmação da infância como construção social e um olhar sobre as crianças que as considera como sujeitos activos (produtores de práticas e de representações).”*⁶

Portanto, além da psicologia, há necessidade de interface entre as várias áreas de conhecimento, tais como a sociologia, a antropologia, a história e a pedagogia, a fim de reconhecer a capacidade simbólica das crianças, suas representações sociais e, por conseguinte, sua capacidade de produção de cultura, em especial, cultura infantil.

Isso significa afirmar que as crianças não estão a reboque dos adultos, ou que são simples objetos passivos de manipulação, esperando para serem moldadas. Concordamos então com a proposta de JAVEAU , *de trabalhar para o conhecimento da infância como um grupo social em si, como um ‘povo’ com traços específicos.* (apud SIROTA, 2001, p. 11).

Observamos ainda que considerar a infância como uma categoria social ou categoria estrutural⁷, não significa afirmar que as crianças estejam descoladas da sociedade, que

⁶ ALMEIDA, 2000, p.27.

⁷ Categoria estrutural, significa afirmar que as crianças constituem um corpo constante de atores sociais com posições específicas nos contextos da vida. ALMEIDA, 2000.

tenham total autonomia no processo de socialização ou que suas produções ocorram sem interlocução com o mundo social dos adultos. Mas é necessário compreender que elas atribuem outras significações e sentidos sobre as coisas à sua volta e, sobretudo ao que fazem. As crianças transcendem as regras instituídas pelos adultos e instituem outras de acordo com as relações que estabelecem com seus pares, pois se sabe que os laços de amizade entre as crianças e, conseqüentemente, as teias de interesses afins encorajam as ‘invenções’, possibilitando a expansão de acordos, de criações, de expressões, enfim, de produções culturais.

Para Fundamentar essas idéias, apontamos FERREIRA:

Ao significar que as crianças não se ‘limitam’ a reproduzir o mundo dos ‘grandes’ à sua escala mas, ‘pelo avesso’, o reconstroem e ressignificam através de múltiplas e complexas interações com os pares, permite mostrá-las não só como autoras das suas próprias infâncias mas também como actores sociais com interesses e modos de pensar, agir e sentir específicos e comuns, capazes de gerar relações e conteúdos de relação, sentido de segurança que estão na sua gênese como grupo social. Ou seja, com um modo de governo que lhes é próprio, com características distintas de outros grupos sociais, como é o caso dos adultos, mas com quem nunca deixaram de desenvolver relações particulares (2002, p. 59).

Assim, cabe aos adultos tentar se transportar para a perspectiva das crianças, sem, porém, deixar de ser adulto, pois se não se quer “adultizar” as crianças, também não se quer infantiliza-los. Não obstante, os adultos precisam, no mínimo, despertar sua dimensão brincalhona que, na maioria das vezes, está adormecida, e reativar o condão da alegria para

começar a entender a lógica e a racionalidade das crianças, tentando se aproximar de seus universos. É preciso entender que as crianças, ao fazerem a releitura do mundo convencionado pelos adultos, estão experimentando-o, testando-o, entendendo-o, descobrindo-o, sem deixarem de ser crianças, pois muitas vezes, agindo de forma inusitada e sem cerimônias anunciam: Ah! Não quero mais brincar disso não!

Depois de planar entre as nuvens, é hora de pousar... Será que chegamos aos universos infantis?

As grandes aliadas dos adultos na descoberta dos universos infantis são as próprias crianças, que resistem, reagem, questionam e criam estratégias para reafirmar seus mundos quando discordam das imposições dos adultos. Isso se dá quando estas, por exemplo, querem que elas desenhem em papel, mesmo que sua vontade seja a de fazer um barco e lançá-lo numa poça de chuva; quando elas batem os pés em sinal de protesto porque os adultos querem que elas parem de brincar para almoçar ou dormir; quando se negam a utilizar apenas a pontinha do dedo para pintar; quando não se cansam de convidar os amigos para correr, para visitar uma ‘bruxa’ que está em algum lugar escondida; quando manifestam o desejo de criar, de cantar, de contar, de refazer, de transformar, de gesticular, de chorar, de experimentar, de olhar, de descobrir, de imaginar, de fantasiar, enfim, de se encantar. Essas são algumas das maneiras encontradas pelas crianças para se expressar e atribuir significados ao mundo, criando assim, uma outra realidade que lhes permite compreender o que está a sua volta (PAULA, 2003).

De acordo com JOBIM e SOUZA (1996, p.)

A Criança conhece o mundo enquanto cria, e, ao criar o mundo, ela nos revela a verdade sempre provisória da realidade em que se encontra. Construindo seu universo particular no interior de um universo maior reificado, ela é capaz de resgatar uma compreensão

polifônica do mundo, devolvendo, por meio do jogo que estabelece na relação com os outros e com as coisas, os múltiplos sentidos que a realidade física e social pode adquirir.

Portanto, é necessário aprofundar os conhecimentos que se têm sobre os jeitos de ser e de fazer das crianças no mundo. É imprescindível não só rever posturas, valores e concepções estereotipadas e homogêneas nas formas de ver e ouvi-las, mas também indaguem sobre suas práticas, questionem-se sobre os mundos de vida das crianças, apreendam que as diversas infâncias são vividas de acordo com a classe social, com a etnia, com a idade, com o gênero a que pertencem, ou com o que podem ainda viver, com o que pode ser diversificado e ampliado em seus contextos de vida. Hoje se tem, inclusive, um arcabouço teórico à disposição a fim de que os adultos revejam seus conceitos.

Isso implica um compromisso com a construção de novos conhecimentos sobre e com as crianças, implica a ruptura com uma posição de subalternidade das crianças pelos adultos, implica a exigência de vozes que ecoem em favor da legitimidade sobre seus jeitos de ser, de falar, de fazer e de subverter, implica, de fato, a valorização dos universos os quais as crianças constroem diuturnamente.

Afinal, será que desvendamos os universos infantis? Opa! Talvez apenas uma pequena parte, então, apertemos os cintos e alcemos novos vôos...

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ana Nunes. A Sociologia E A Descoberta Da Infância: Contextos e Saberes. Fórum Sociológico. Universidade Nova de Lisboa, 2000.

ARIÈS, Philippe. A História Social da Infância e da Família. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

BENJAMIN, Walter. Reflexões Sobre A Criança, O Brinquedo E A Educação. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CHARLOT, Bernad. A Mistificação Pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986

DELGADO, Ana Cristina Coll. *Infâncias e Crianças: O que nós adultos sabemos sobre elas?* Rio Grande do Sul, 2003(mimeo).

FERREIRA, Manuela. Do “Averso” do Brincar ou...as Relações entre Pares, as Rotinas da Cultura Infantil(ais) Instituinte(s) das Criança no Jardim-de-Infância. In:SARMENTO, Manuel Jacinto. CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e Miúdos*. Portugal: ASA, 2002

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. *Do outro lado: a infância sob o olhar de crianças no interior da creche*. Florianópolis, SC (Dissertação de Mestrado) UFSC, 2001

PAULA, Elaine. *A infância desapareceu ou o professor a escondeu?* Florianópolis, 2003
(texto não publicado)

SIROTA, Régine. *Emergência De Uma Sociologia Da Infância: Evolução Do Objeto e Do Olhar*. Caderno de Pesquisa,nº 112,FCC, São Paulo, 2001, p.7-32.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade*. In: SARMENTO, Manuel Jacinto, CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e Miúdos*. Portugal: ASA, 2002.

SOUZA, Solange Jobim. *Re-significando a Psicologia do Desenvolvimento: Uma contribuição crítica à pesquisa da infância*. In: KRAMER, S. & LEITE, I. M. (org.). *Infância: fios e desafios a pesquisa*. Campinas – SP, Papyrus, p 39-55,1996